

Estudo sobre a Sexualidade Feminina

Wilson Vieira

Sexualidade feminina e analidade: esta conexão,
incongruente à primeira vista,
está em Freud e permanece um problema instigante.

No artigo de título **Sobre o Mais Geral dos Rebaixamentos da Vida Amorosa**, de 1912, Freud escreveu que por duas razões a pulsão sexual é impossibilitada de satisfação plena: primeiro, devido a seu desenvolvimento bifásico, infantil e pubertário, que compreende o complexo de Édipo e sua destruição como programas filogenéticos e, em segundo lugar, devido à incompatibilidade principalmente da pulsão anal “com as exigências estéticas de nossa civilização”. Em **O Ego e o Id** retoma a questão: “Desde o começo (da psicanálise) atribuímos às tendências morais e estéticas no ego aquilo que dá impulso ao recalque”. Em **Mal-Estar na Civilização** aprofunda a questão concebendo um encadeamento que vai do recalque da analidade — dito aqui “recalque orgânico” — até o complexo de Édipo.

O recalque orgânico do sentido do olfato, dos excrementos e da menstruação foi inerente à adoção pelo homem da postura ereta, certamente porque a proximidade com o solo é antagonica com a postura ereta. Nesta postura resulta que os órgãos genitais ficam mais visíveis. A partir daí haverá uma grande mudança na sexualidade.

Não mais orientada pelo sentido do olfato e pelo ciclo de odores da fêmea, basicamente em torno da menstruação, a sexualidade deixa de ser intermitente; agora, a libido genital é orientada pela visão, que é mais abrangente e constante. Em conseqüência, a própria libido genital ficará quase que permanente. Neste momento, aparece a conveniência de homem e mulher manterem-se juntos; desta maneira, constituiu-se a família, cuja primeira forma é a horda primitiva e, em conseqüência, o complexo de Édipo.

Em **Mal-Estar na Civilização**, Freud retoma também a questão da impossibilidade de plena satisfação da pulsão sexual. Não mais levanta o caráter bifásico da pulsão e escreve: “A conjuntura mais profunda é aquela que deriva do que afirmei (...) no sentido de que, com a adoção de uma postura ereta pelo homem e a depreciação de seu sentido olfativo, **não foi apenas o seu erotismo anal que ameaçou cair vítima do recalque orgânico, mas**

Wilson Vieira: psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

toda a sexualidade, de tal maneira que, desde então, a função sexual foi acompanhada por repugnância que não pode ser explicada por outra coisa, e que impede sua satisfação completa, forçando-a a desviar-se do objetivo sexual em sublimações e deslocamentos libidinais. Sei que Breuer (1913) certa vez assinalou a existência de uma atitude rechaçante primária como esta para com a vida sexual. Todos os neuróticos e várias outras pessoas repudiam o fato de que inter urinam et faeces nascimur (nascemos entre urinas e fezes). Também os órgãos genitais dão origem a intensas sensações de odor que muitas pessoas não podem tolerar e que estragam suas relações sexuais. **Assim descobriríamos que a raiz mais profunda do recalque sexual que avança juntamente com a civilização é a defesa orgânica da nova forma de vida alcançada com o porte ereto do homem contra sua primitiva existência animal.**"⁽¹⁾

Um conflito, uma tensão entre a visão e o olfato-analidade não pertence só à especulação técnica, aparece como material clínico frequente. Nos dois casos clínicos que Freud publicou a respeito de neurose obsessiva — neurose esta fixada na fase sádico-anal —, o "Homem dos Ratos" e o "Homem dos Lobos", encontramos a incompatibilidade visão-olfato. A grande obsessão do Homem dos Ratos (que o rato entrasse pelo ânus de seu pai e de sua noiva) ocorre logo depois que ele perde seus óculos, ele que era muito voyerista na infância. Quer dizer, a perda de visão leva a uma regressão à analidade. O Homem dos Lobos dizia ver tudo de forma imprecisa como se tivesse um véu diante dos olhos e só enxergava nítido quando evacuava.

Ilustramos este ponto ainda com o relato de Bion do início da sessão de um paciente: "Nessa manhã, chega quinze minutos atrasado e deita-se no divã. Leva algum tempo mexendo-se de um lado para outro, claramente procurando encontrar uma posição confortável. Finalmente diz: "Acho que hoje eu não vou fazer nada. Eu devia ter telefonado para minha mãe". Faz uma pausa e acrescenta: "Não; eu achei que ia ser assim". Segue-se uma longa pausa; então diz: "**Nada, a não ser coisas sujas e cheiros ruins**". Pausa.

"Eu acho que perdi visão."⁽²⁾ (Mais tarde veremos a relação com a analidade dos estados de preguiça, que aparecem no início desta sessão.)

Denise Braunschweig e Michel Fain, no livro **Eros et Anteros**,⁽³⁾ descobriram elementos importantes sobre a contribuição da analidade, na mulher, para a formação de sua sexualidade. Viram no uso da maquiagem, cremes, certo porte do corpo um tanto vulgar, enfim, no coquetismo, a manifestação de um auto-erotismo anal transformado — que num segundo momento passaria a dirigir-se a um objeto, no sentido de atraí-lo. "As matérias fecais

Braunschweig e M. Fain descobriram elementos importantes sobre a contribuição da analidade para a formação da sexualidade na mulher.

exibidas conservam um grande poder atrativo, acarretando o sentimento específico de nojo. Este sentimento traduz a introjeção imediata no aparelho psíquico das fantasias representadas pelas matérias fecais e a tentativa de rejeição que esta introjeção implicou. **Toda a arte da maquiagem consiste em recuperar este poder atrativo das matérias fecais, poder que tem mesmo um aspecto penetrante**, mas faz isto suprimindo as reações de repulsa que se seguem habitualmente a este primeiro tempo atrativo. Uma maquiagem exagerada retoma o caráter anal repulsivo. Esta integração da analidade não se traduz unicamente pela maquiagem, que é

o aspecto mais aparente, mas também por todo um comportamento compreendendo um certo porte do corpo — diremos, para criar uma imagem, um certo ar "vulgar", o qual também não deve ultrapassar um certo nível. Se a menina recalca este tipo de integração anal e investe sobretudo o modo "menino" (sujar as meninas) que, apesar de existir normalmente, é dominado pelo primeiro, ela torna-se francamente repulsiva."⁽⁴⁾ (Os autores falam de "fantasias representadas pelas matérias fecais", introjeção e rejeições destas fantasias; mais tarde, procurei dar uma explicação diferente.)

Ora, se Freud, num momento, concebeu um conflito entre a civilização e a analidade derivado de razões estéticas, Braunschweig e Fain viram a integração da analidade na sexualidade geral, justamente através de valores estético-sensuais.

Vamos em seguida aprofundar essas concepções de Braunschweig e Fain. Faremos isto através de dois pontos: a repulsa frequente entre as mulheres aos banheiros públicos e a conexão da noção de trabalho com a educação anal.

A dificuldade de grande parte das mulheres com banheiros públicos é notória. A idéia de contágio está sempre presente, embora às vezes pareça encoberta pela de sujeira. Para a Medicina, não existe possibilidade de contágio em banheiros. Mesmo que este dado seja desconhecido, a contradição se mostra no fato de não ser válido o contágio para os homens, pois normalmente sentam-se nos vasos. Um pai de dois meninos e uma menina deixava os meninos irem ao banheiro nas paradas de viagens, mas para a filha queria um lugar escondido, à beira da estrada.

Muitas vezes vemos nossas pacientes se exporem cientes a lugares e pessoas onde certas doenças poderiam ser adquiridas, hepatite por exemplo, mas recusarem o vaso sanitário público. O temor é, portanto, o que é mais ou menos consciente, de doenças sexuais. Inconscientemente, no entanto, trata-se de contatos sexuais com desconhecidos: as mulheres que estiveram antes no banheiro podem ter estado com alguém que não se sabe quem é. Onde há muita gente, ou passa muita gente, por mais que se sinta certa comunidade, há sempre margem

para um desconhecido em quem os perigos se depositam. O tabu do contágio é no fundo um tabu do contato, como Freud observou. ⁽⁵⁾

As fobias, tão comuns às mulheres, do rato e da barata, até hoje pouco elucidadas, relacionam-se certamente com a problemática anal. O rato transmitiu a peste na Idade Média e desta maneira pôs em contato pessoas das mais diversas regiões e costumes da Europa. Por outro lado, é encontrado em quantidades nos esgotos. A barata, que também passa por esgotos, recebe sua significação anal igualmente, parece-me, pela cor marrom escuro das fezes.

O distúrbio de intestino preso é muitíssimo mais freqüente nas mulheres do que nos homens. Vem, parece-me, da repulsa dos banheiros públicos: o receio de ter de recorrer a eles leva a uma retenção esfinteriana tão exagerada que acaba dificultando o fluxo intestinal até dentro de casa (o banheiro público não deve ser identificado com o de botequins; pode ser de hotéis de várias estrelas).

Uma paciente, numa sessão, anunciou que queria me dizer duas coisas. A primeira, que não podia me pagar este mês, só atrasado, no próximo, porque teve um problema no pagamento de seu salário e recebeu bem menos do que o esperado. “Não vou pagar ninguém, vou fazer como os brasileiros, não tenho dinheiro, fico devendo” (seus pais são judeus, de origem européia). Contou-me em seguida que nunca lhe acontecera coisa semelhante; mesmo quando estudante, nunca deixou transparecer a seus amigos que pudesse ter dificuldades com dinheiro (a analidade ficava oculta, sem sugerir aos outros possibilidade de contato). Quando necessitava de dinheiro, recorria à sua irmã, mas, desta vez, não quis fazê-lo. “Eu quis ver como era ficar suja na praça”, disse. Essa atitude nova representava simbolicamente, como nos parece, a evacuação pública, o contato mais amplo, no qual está incluído um contato maior com os brasileiros, pois, por sua educação, deveria casar-se com um judeu.

A segunda coisa que queria me dizer é que aconteceu algo que a perturbou. Ao consultar sua médica homeopata e ao contar-lhe com quem estivera namorando nos últimos seis meses — mas de quem estava agora separada —, esta lhe informou que desconfiaram, há quatro anos, que

uma antiga namorada do rapaz, que a paciente conhece, estava com Aids. A paciente passou a ficar fortemente angustiada, mesmo sabendo, e sua médica a tranquilizando, que de quatro anos para cá a antiga namorada, com boa saúde, não poderia ter Aids. A angústia da paciente continuou por alguns dias ao mesmo tempo que ela percebia seu caráter irracional. “Deve fazer parte do problema que sempre tive com o contágio.”

Em seguida, teve a intuição de que as duas coisas que queria me contar — não pagar as dívidas e a angústia em relação a Aids — pareciam querer dizer a mesma coisa. De fato,

Há sempre margem para um desconhecido em quem se depositam os perigos: o tabu do contágio é no fundo um tabu do contato.

elas tinham uma relação íntima: depois que soube da Aids é que resolveu “ficar suja na praça”; esta nova situação viria amenizar a angústia da Aids, ao abrir a paciente para o contato com o estranho; era a falta deste contato que intensificava irracionalmente a angústia.

A Aids é certamente uma doença contagiosa que atormenta hoje a humanidade; no entanto, nos pacientes com traços de caráter anais, fortes tendências inconscientes vêm juntar-se à realidade.

No filme *Sexo, Mentiras e Videotape*, duas irmãs, Ann e Cindy, são rivais em seus modos de vida. Ann é dona de casa, tem mania de limpeza, veste-se recatadamente, um tanto in-

diferente ao sexo, e não tem orgasmo. Cindy é namorada e aberta ao prazer sexual. Na primeira vez que as vemos juntas, Ann veste-se toda de branco e Cindy usa uma blusa estampada marrom, cor de fezes; o contato mais solto de Cindy com a analidade é sugerido igualmente por seu hobby de pintar a óleo.

A primeira palavra dita no filme é “lixo”. Ann está falando a seu psicoterapeuta de seu mal-estar com o lixo, de obsessões de que o lixo aumentaria cada vez mais sem que ela o pudesse conter. Enquanto ouvimos isto, vemos simultaneamente cenas de Graham — um antigo amigo do marido de Ann e que está viajando para visitá-lo — que é mostrado, numa parada de viagem, num banheiro público de baixa categoria.

Ao chegar, Graham é atendido por Ann. Depois de se apresentar, a primeira coisa que faz é perguntar onde fica o banheiro; a segunda é oferecer morangos a Ann (veremos mais tarde a significação da fruta de cor vermelha). O contraste que Graham faz com Ann vai despontar nela maior soltura anal, que vai, finalmente, lhe possibilitar ter, com Graham, prazer sexual e orgasmo.

Certos nomes brasileiros pejorativos da mulher que a designam como mulher fácil, e mais fortemente como prostituta, são nomes de aves — galinha, pomba gira, perua — ou então “vaca”. As aves e o gado são os únicos animais domésticos que dormem em contato com as próprias fezes. O porco, apesar de seu uso comum para designar a sujeira, não o faz. Em francês “souris” (“rato”) é equivalente de nosso “galinha”.

Essas qualificações procuram desfazer agressivamente as transformações do erotismo anal em coquetismo (“coquete” vem do francês, significa galinha).

Podemos verificar a caracterização da vaca na mente humana como animal de grande indisciplina anal, na brincadeira infantil da vaca amarela. Manter o silêncio mostra a capacidade de retenção. A mesma brincadeira, no Estado do Rio de Janeiro, é feita com a andorinha, uma ave.

Como tínhamos dito, iremos verificar a relação entre a noção de trabalho e a educação anal.

A origem da noção de diligência, fazer algo com zelo, que depois é incluída na noção mais tardia, na vida, de trabalho, vem de defecar direito:

na hora certa, no local certo e em casa. No Brasil, "obrar" significa também defecar. Em inglês diz-se "defection work". A criança, na escola, quando começa para a vida profissional, se é estudiosa, é chamada de C.D.F. Não tem intestino frouxo. Por outro lado, a criança encoprésica dita de tipo passivo⁽⁶⁾ (quer dizer, que evacua na roupa de forma não deliberada) é normalmente vadia.

Max Weber, num estudo célebre, viu a conexão íntima existente entre o protestantismo e a moral do trabalho, que o elevava a confundir-se com a fé. Ora, os países protestantes primam mais pela limpeza do que os países católicos.

Thorstein Veblen, em seu clássico **Teoria da Classe Ociosa**, estudando o significado da indumentária feminina no antigo regime e na segunda metade do século passado, conclui que esta indumentária quer dizer o ócio: ela ostenta o grande tempo gasto, ao se arrumar, em trabalho não-útil, assim como a impossibilidade, uma vez a mulher pronta, de realização de qualquer trabalho útil.

Apesar de em nossos dias as mulheres trabalharem bem mais do que no passado, a frustração profissional lhes pesa normalmente bem menos do que pesa para os homens.

Na infância, em forma de expectativa, a analidade do menino é orientada para o trabalho do futuro. Esta orientação é bem menor no caso da menina. Sua analidade guarda então um maior potencial erótico, daí sofrer normalmente uma educação esfinteriana mais severa. Quando a educação não é tão severa, o que levaria a fortes formações reativas de caráter anal (mania de limpeza, economia e ordem), o erotismo anal não absorvido pela expectativa do trabalho encontra expressão no coquetismo e dá uma identidade sexual para a menina, caso contrário, ela, sem sexo próprio, irá invejar o pênis.

O sentido da visão é da distância, ao passo que o do olfato é da proximidade. No entanto, a atração exercida pela mulher, através das transformações da fase anal não retentiva, é visual. É visual, mas **atração** é, contrariamente, redução de distância. Podemos pensar então

que na atração visual existe uma filtração da analidade desfazendo a distância visual. O erotismo da fase anal não retentiva desfaz a distância, desfaz o caráter de sobrevivência da visão (certamente a visão é o sentido de maior valor vital) — o sexo abre seu campo eliminando a sobrevivência —, mas também desfaz o pensamento intelectual, que para Freud deriva parcialmente do voyeurismo, e que serve igualmente à sobrevivência.

Bertrand Lewin escreveu que a menstruação na mulher é vivida como incontinência anal. Pensamos

A menstruação
vem como que coroar
toda a corrente
pulsional derivada
da primeira fase anal.

que lembra a evacuação nas fraldas, ainda pública, não privada, em todos sentidos da palavra.

A menstruação vem como que coroar toda a corrente pulsional derivada da primeira fase anal. A cor vermelha é comumente relacionada ao desejo sexual feminino, à atração erótica. A razão disto deve vir certamente da menstruação. O batom para os lábios, cuja cor é essencialmente vermelha, tem a mesma origem. Insistiu-se, Rohein por exemplo, que a maçã oferecida por Eva é um símbolo do seio materno; afastou-se assim o caráter mais chocante de sua cor vermelha. O coração — que lida diretamente com o sangue — é o símbolo maior do amor sensual. Também a rosa vermelha. A

cor rosa característica da menina é uma maneira de a nossa cultura colocar a menina — abrandando o vermelho de forma conveniente à idade — na linha da identidade feminina.

No judaísmo separa-se os talheres e a pia do leite e seus derivados dos talheres e pia da carne e seus derivados. O que é decisivo é o sangue da carne e não ela mesma. Separa-se a mãe da mulher. A maternidade e o erotismo são as duas forças maiores da psicologia feminina. São por natureza opostas e nenhuma tem razão contra a outra; o que faz o jogo e o equilíbrio entre ambas serem difíceis. Braunschweig e Fain, assim como Serge Leclair, colocam a origem da sexualidade humana não exclusivamente nos cuidados maternos, como faz a teoria do apoio freudiana, mas também — momento decisivo — nos distanciamentos da mãe quando esta se transforma em mulher. São estes distanciamentos que liberam compensatoriamente os auto-erotismos, os quais, num segundo momento, vão ligar-se aos traços mnêmicos dos cuidados maternos, mas agora, e definitivamente, mesclando ao leite o vermelho do sangue menstrual.

A história de Branca de Neve pode nos servir de ilustração. Algumas versões de Branca de Neve começam com o conde e a condessa passando por três montes de neve — que pela cor branca significam o leite e, pela forma, o seio — e expressando o desejo de ter uma filha branca como a neve; depois, passando por três buracos cheios de sangue — que significam a vagina e a menstruação —, expressam o desejo de ter uma filha com faces vermelhas como este sangue ... Branca de Neve vai ser tentada pela Bruxa primeiro com um pente, depois um corpete — ambos objetos de toilette feminina, de que vimos a importância — e finalmente pela maçã, da qual os anões não poderão mais salvar Branca de Neve. Ora, os anões simbolizam o trabalho, conforme vê Bruno Bettelheim: "... todos os anões, mesmo os desagradáveis, são trabalhadores e espertos em seus negócios. O trabalho é a essência de suas vidas; não têm descanso ou recreação. Embora os anões fiquem imediatamente impressionados pela beleza de Branca de Neve e comovidos com sua desgraça, deixam logo

claro que o preço de viver com eles é comprometer-se num trabalho consciencioso. Os sete anões sugerem os sete dias da semana — dias cheios de trabalho”.⁽⁷⁾ Com a maçã, Branca de Neve afasta-se do mundo do trabalho.

Vamos comentar o caso Dora de Freud. Antes porém como Dora sofreu na infância de asma e na puberdade de enxaqueca, doenças alérgicas, faremos algumas considerações — bastante sumárias — sobre pessoas que sofrem destes distúrbios, baseando-nos principalmente em Pierre Marty.⁽⁸⁾ Uma característica dos indivíduos alérgicos é que lhes falta, por motivos que não iremos discutir, a angústia diante do estranho que tem início em torno do oitavo mês de vida. Estes indivíduos tendem a considerar um desconhecido, quase que de forma imediata, como alguém familiar. Nem sempre esta maneira de ser é bem sucedida. Pessoas e situações, vez ou outra, acabam restando irremediavelmente estranhos. Quando isso ocorre, se não é possível nenhum distanciamento, a somatização alérgica aparece. Quando se quer fazer de tudo algo familiar, o que não se encaixa, o que resta estranho acaba assumindo o caráter de um perigo impreciso, mal definido, e por isto mais ameaçador.

Dora, escolhendo como objeto o Sr. K, mantém tudo em família, pois seu pai é amante da Sra. K. Freud apóia em grande parte a compreensão do caso em dois sonhos de Dora. No primeiro sonho, seu pai aparece disciplinando-a para a limpeza, especialmente a urinária, ao mesmo tempo que o desejo do sonho procura anular o pai como portador de moléstia sexual contagiosa (sífilis), quer dizer, em nossos termos, portador do estranho. No segundo sonho — no qual Freud viu um progresso de sua paciente em direção à cura —, **o pai de Dora está morto e ela está no estrangeiro**, aparece identificada com uma mulher de classe baixa, a governanta, cujo pai não a quer de volta na família, e descobre a vagina (as ninfas do bosque das associações do sonho). A identificação com a governanta é central no sonho. É ela que “atuada” leva ao rompimento do tratamento. A recusa num primeiro momento dessa identificação está na origem do rompimento com

o Sr. K (o Sr. K quando declarou seu amor a Dora, falou-lhe a mesma frase que usou com a governanta).

Pensamos que os dois destinos, o da filha do proprietário e o da filha do porteiro, descritos por Freud nas **Conferências Introdutórias a Psicanálise**, são típicos. As moças “de bem” acabam só encontrando a sexualidade vaginal passando por uma identificação às moças de classes baixas. Esta identificação é simultaneamente um afrouxamento da educação anal recebida.

O sintoma de falsa apendicite que é retomado a partir das associações com o segundo sonho foi analisado por Freud como significando

Quando se quer
fazer de tudo algo
familiar, o que não se
encaixa aparece como
somatização alérgica.

uma fantasia de parto. Ora, a significação contrária, de não-maternidade, aparece no mesmo sintoma, como observações de Freud podem levar a crer: “Dora disse ter tido, nos primeiros dias, uma forte febre e uma dor no baixo ventre (...) Colocavam-lhe compressas frias, mas ela não as suportou: **no segundo dia apareceram, com fortes dores, as regras irregulares desde o início de sua doença (entenda-se: de sua neurose). Ela disse ter sofrido constantemente, nesta época, de constipação**”.⁽⁹⁾ Quer dizer, lado a lado com a apendicite-gravidez ocorre o contrário, a apendicitemenstruação, que vem soltar o fluxo

menstrual e intestinal.

A análise do segundo sonho traz de volta a ocasião em que Dora admirou durante uma hora e meia o quadro da Madona em Dresde. Trata-se da Madona Sistina de Rafael. Como Lionello Venturi⁽¹⁰⁾, historiador da arte, observou, esta Madona é diferente das demais. Seus traços belos são de uma jovem de **classe popular** de Roma. Acrescentamos às observações de Venturi que **essa Virgem usa um vestido vermelho (sob a manta)**. Freud compreendeu a admiração de Dora pela Madona como manifestação de seu amor homossexual pela Sra. K. Pensamos, em função do que desenvolvemos, que não se trata de homossexualismo, mas sim de uma identificação com a mulher.

A inveja do pênis não nos parece primária. A história da Gata Borralheira pode ilustrar. O gato, é sabido, é muito higiênico. Pelo dicionário, “borra” é resíduo e, daí, também fezes. “Gata Borralheira” é acusação de falta de higiene. Mas a heroína transforma seu contato com a sujeira em beleza. Ganha com isso o erotismo vaginal, simbolizado pelo sapatinho que encaixa perfeitamente no pé. Suas irmãs que viveram na proximidade com a mãe, para calçarem o sapatinho, terem relações sexuais, devem cerrar os dedos=pênis, e o resultado não é bom. A inveja do pênis ocorre quando a menina fica sem identidade sexual, conseqüente à repressão exagerada da analidade.

Notas

(1) Freud: **Mal-Estar na Civilização**, Imago, volume XXI, pág. 127; os grifos são nossos.

(2) Bion: **Estudos Psicanalíticos Revisados**, Imago, pág. 53; os grifos são nossos.

(3) D. Braunschweig e M. Fain: **Eros e Anteros**, Payot.

(4) Idem, pág. 68; o grifo e o parênteses são nossos.

(5) Freud: **Inibição, Sintoma e Angústia**, Cap. VI.

(6) L. Kreisler, M. Fain, M. Soulé: **A Criança e seu Corpo**, Zahar, Cap. V.

(7) B. Bettelheim: **A Psicanálise dos Contos de Fadas**, Paz e Terra, pág. 248.

(8) P. Marty: **L'ordre psychosomatique**, Payot.

(9) Freud: **Cinq Psychanalyses**, PUF, pág. 75; os grifos e parênteses são nossos.

(10) L. Venturi: **A Pintura de Giotto a Chagall**, Editorial Lisboa, pág. 70.